

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--30 de Junho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

58

sempre

five *semanário humorístico*



Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFFICINA**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Petrarca Junior.. «apreensivo»



ou uma quadra impopular que só obteve  
o ultimo premio de desconsolação!



## Os ditos da semana



A falta de agua continua a ser uma seca. A Companhia das Aguas passa para a posse da Camara Municipal; a Companhia das Aguas mantem-se na posse do sr. Carlos Pereira. A Companhia das Aguas vai ser fiscalizada pelo sr. Galvão... As aguas são da Camara mas o sr. Carlos Pereira é o seu claviculário. As aguas chegam para toda a cidade; as aguas não chegam e teem de ser distribuidas por zonas... E andamos nisto, mas as torneiras não deitam pinga. E quando a população, de bôca aberta e lingua de fora, espera que lhe mandem abrir um chafariz, manda-se proceder a uma sindicancia.

Talvez que os criminosos venham a ser castigados, mas às vitimas não resta a consolação de assistir ao castigo, porque, entretanto, vão morrendo de sede.

Todavia, não ha razão para tantas bravatas.

O exagero é bem uma instituição nacional. Esta gente imagina que a situação ha de manter-se assim eternamente e clama e grita e barafusta, como se estivesse em pleno Sahará, a 300 quilometros do oasis mais proximo. Isto ha de acabar um dia, e esse dia virá com certeza antes de terminada a sindicancia, porque antes de seis meses ha de chover.

E então? Para que são tantos clamores? Ha de chover para rehabilitar o sr. Carlos Pereira e matar a sede á gente.

E não haverá mais reclamações senão daqui a um ano.



Anda meia Lisboa a desfazer-se em suor. O calor aperta cada vez mais e não ha de feza possível contra o terrível flagelo.

Sofrem os homens e as mulheres, mas mais os homens do que as mulheres e elas é que teem a culpa.

As mulheres, imaginando-se regressadas ao Paraizo, substituiram a folha de parra pela folha de crepe da China, com

todas as vantagens da leveza e transparencia e ahi andam elas a fazer subir a temperatura escandalosamente.

Deus ainda quiz emendar a mão, fazendo descer o termómetro, mas viu-se coacto pela legislação anterior. *Dá Deus o frio conforme a roupa*, dizem os canones, e, para tão pouca roupa, só um calor de rachar.

E' inutil pensar em fazer preces *ad petendam frigorem*. Façamo-las para que as mulheres se vistam e tudo estará remediado.

De contrario poderá dizer-se, parodiando Augusto Gil:

*Cai fogo na natureza  
E cai no meu coração.*



Todos nós temos, mais ou menos, a mania da imitação, talvez por atavismo, se é ver-

dadeira a teoria de Darwin, que foi um sabio muito patusco, pai da cauda dos seus antepassados.

Fez-se um dia um concurso de beleza e logo outros surgiram, até no Parque Mayer. Inventou-se a «Semana das Colonias» e veio a «Semana dos Hospitais», a «Semana das Juntas de Paroquia», a Semana de tudo o que podia entrar de semana.

Desde que uma vez se fez a festa da flôr, nunca mais deixaram de aparecer ranchadas de meninas querendo á força impingir-nos as suas flôres, quando noutras circunstancias seriam as primeiras a protestar se nós lh'as pretendessemos extorquir.

Vai fazer-se a ponte sobre o Tejo e qualquer dia surgirá a ponte sobre o Rossio, sobre o Terreiro do Paço, sobre a nossa rua e sobre a terra e sobre o mar.

Ha pessoas que, quando não

teem mais nada que fazer, se põem á espreita do que faz o visinho do lado, para o imitar no dia seguinte.

E só não aparece um governante que se meta a imitar o Marquês de Pombal, apesar de haver quem se deleite imitando o Terramoto.



O vento dos ultimos dias veio pôr em evidencia a excellencia da moda feminina. Acostumado desde o principio do mundo a soprar rijo quando lhe apetece, não tem a compostura precisa para não descompôr as senhoras. O vento está no seu papel. Sopra. Não sabe ele, nem com isso se importa, se as saias são curtas ou compridas. Sopra. Sopra e faz na Terra o mesmo que faz no Ceu. Dissipa as nuvens de tal forma que até se vê a Lua. E é raro haver um eclipse total. E então podem os sabios observar as montanhas da Lua, mesmo sem luneta astronomica, embora para alguns não seja dispensavel a luneta vulgar, de encavalitar no nariz, aquele curioso nariz dos sabios que se mete em toda a parte, mesmo naquelas onde não é chamado.

Se o vento não amaina, descubrem-se todos os insondáveis misterios da natureza.



Na semana passada, foi julgado, no Tribunal da Boa-Hora, o sr. dr. Fidelino de Figueiredo. Os jornais enganaram-se na noticia e até nos titulos que publicaram, donde poderia depreender-se que o reu era o sr. Alexandre Vieira, mas pela leitura dos depoimentos das testemunhas facilmente se conclue que o reu era o director da Biblioteca. Ao sr. Alexandre Vieira, a quem os jornais, por gralha, atribuiram a qualidade de reu, fizeram todos os mais rasgados elogios, e do sr. Fidelino de Figueiredo, o mais que se disse foi que era «irritante e irritavel».



# Fitas faladas

A todo aquele que o destino ou o mutuo acôrdo de dois simpaticos antecessores fadou para viver neste vale de lagrimas, só resta uma maneira de se desforrar das amarguras da vida:—rir. E' por isso que todos os tristes de bom-gosto compram o *Sempre Fize*.

Pois quem quizer encher o papinho de riso deve ir esta semana ao Tivoli. A empresa, depois de nos mostrar durante algum tempo os males da nossa existencia de miseraveis, em que os rapazes de caracter vão enganando a morte, arrastados pela vertigem da vida moderna, decidiu-se a mudar de genero, desopilando o orgão hepatico das frequentadoras pinocas com as graciosas graças de Sydney Chaplin.

Todos nós o conhecemos de ginjeira, que é como quem diz: de grande bigode, ao lado de Charlot. Na familia Chaplin, a graça deve ser um bem comum. O mano mais velho é, nem mais nem menos, o Imperador do Riso, criador incomparavel duma arte suprema:—fazer rir, irresistivelmente, cruelmente, com as desgraças mais desgraçadas que podem succeder a um pobre diabo como Charlot. O mais novo, se não tem a scentelha genial de Charlie, soube libertar-se da sua escola neurastênica e faz-nos rir dum riso bem-disposto, sem filosofia a amargar-lhe o travo.

O William da velha comedia inglesa *A Madrinha de Charley* é uma criação que merece, na tela, o mesmo successo que teve, noutros tempos, a criação de Vale no tablado. Todos os espectadores da velha-guarda, que viram o grande comico no Gimmnasio, devem gostar de ver surgir, em vera imagem, o seu rival mudo e moderno.

Ethel Shannon, Priscilla Bonnon e Mary Askin—Helena, Kitty e Arabelle—são três sorrisos espalhando um pouco de calma na efusiva agitação do argumento. Se eu não pronunciasse tão mal o inglês, podia muito bem continuar a impingir nomes arrezados, porque, decididamente, eu hoje estou sem graça nenhuma. Também, não vale a pena ser engraçado com uma coisa que tanta graça tem.

Desta vez, o legendista não só se esmerou no português como conseguiu meter com goito a sua colherada. Pena é que, a partir da terceira parte, passasse a chamar Charley ao William... seu vice-versa.

Com *Uma Rapariga Moderna*, o caso é muito outro. Quando correram as duas primeiras partes e eu vi a Alice Joyce, a Virginia Lee Corbin e o Malcolm Mc Gregor apaixonarem-se todos uns pelos outros, julguei que se corria uma segunda edição, incorrecta e diminuída, do filme *Uma Mulher de Quarenta Anos*. Decerto todos se lembram dessa joia, em que a Paulina Frederick mostrava ser uma autentica vocação para o sacrificio, em que a Laura Laplante garantia que, quando se tem covinhas na cara e os olhos piscos, não ha homens que resistam e em que o mesmissimo Mo Gregor dizia que sim com a cabeça.

Afinal tratava-se duma coisa muito mais alegre... mas muito mais ordinaria, benza-a Deus.

## Retardador.



—Se a senhora quere entrar, tem de esperar lá fóra que o menino faça os cinco anos.



## A Badajoz! A los toros!

Isto de ir a los Toros a Badajoz é, para muitos portugueses, uma maneira economica de ir ao estrangeiro sem sair do material da C. P.

Os que não toem esta preocupação de furismo barato subdividem-se em dois grupos: os aficionados ás corridas de touros e os idem ás garrafas de vinho. Estes cultivam o paradoxo de se embebedarem em Espanha com vinho de Portugal, o que é dum pa-



triotismo e duma propaganda nacional nunca demasiadamente elogiada.

Tenho visto bipedes sairem de Lisboa com cestos repletos de garrafinhas de Burjaças, e se parte delas morrem pelo caminho, algumas, porém, são passadas ás fúrias da aduana para terminarem seus dias em terra estranha.

E' que estes nacionalistas da pinga são incapazes de traírem a Viuva, o sr. Francisco Costa ou o Chitas, ingerindo similares espanhóis por mais *Murrieta* ou *Riscot* que sejam.

Lá os vi em Badajoz nas corridas de 24 e 25, cansados do comboio, olhos de sono, avinhadas as comisuras dos labios, e já munidos do chapéu de aba larga e do lenço com retrato dos toureiros.

Os aficionados taurinos é que ficaram mal por esta vez.

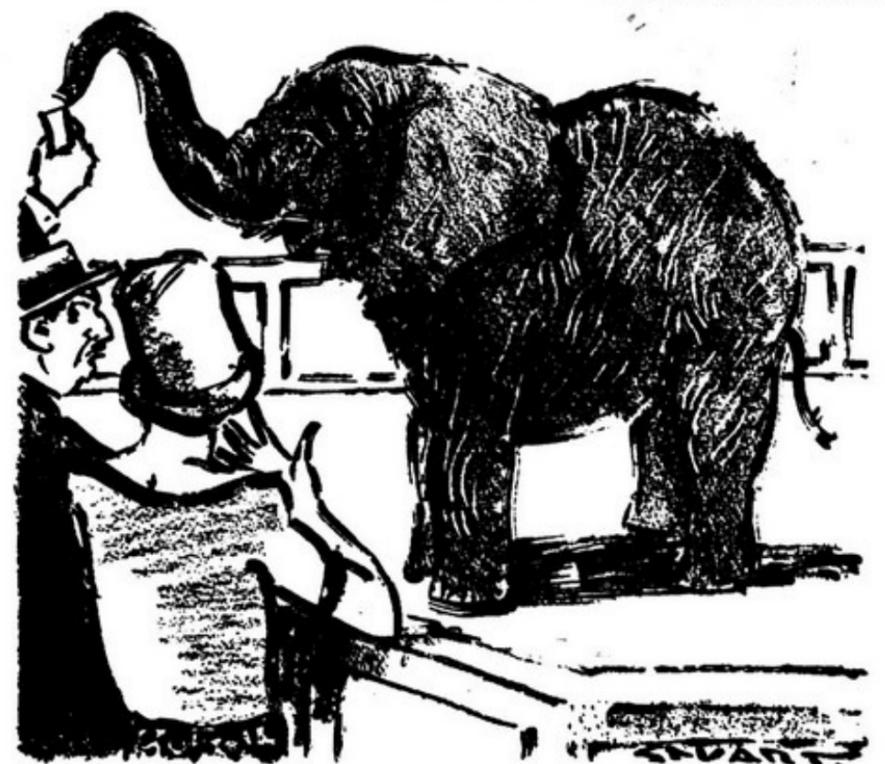
San Juan Bolmonte, patrono de Triana, esteve foito um sacristão, e pela segunda vez, desdenhou pontificar na Catedral de Badajoz, deixando as grandes solonidades para outras dioceses que dão mais cartel para a canonização. Levou vinte e cinco mil pesetas da caixa das almas, arruinando a irmandade da empresa, e disse-nos adeus com a mão direita, que é a de cobrar.

Com ele tourearam mansos de Marzal, na primeira tarde, o sevillhano Chicuelo e o bilbaino Agüero, e se nenhum deles fez coisas por ahí além, a verdade é que ambos fizeram mais coisas aos touros que o proprio fenomeno... e por menos dinheiro.

Na segunda tarde, ganhámos os touros que, sem dar coba a D. Francisca de la iden, se não são de Saltillo lhe andam perto.

Em toureiros, se não ganhámos completam nte, lucrámos em parto. Assim, deu Sanchez Mejias tudo o que materialmente pode dar, com seu característico toureio *en tablas*, com o *pise no estribo* e as *bandarilhas por dentro*. Felix Rodriguez foi o heroi das duas tardes e todos ficámos sabendo que é um *teuacito*, *enteradito* e *apanadito*, mas... mas de quem se talará por muito tempo e de quem sempre se falará, esteja mal como era Badajoz ou bem como em Cordoba e Toledo, quem sempre interessa, dando o detalhe melhor que Belmonte ou a *espantá* pior que *El Gallo*, é o cañi Joaquin Rodriguez *Cagancha*, que ouviu três avisos... em cada touro.

Perez-Lachaise.



—Este animal é mais inteligente do que tu. Ao menos não lhe impingem notas falsas...

# UMA ANEDOTA por semana

## Uma criança endiabrada

O Zéquinha era um destes meninos prodigios que se tornava insupportavel pelas inconveniencias que dizia diante de toda a gente, e especialmente pela tendencia que tinha para fazer apreciações do talento das pessoas presentes, ainda que fossem da maior respeitabilidade e categoria.

A familia vivia num permanente sobressalto porque o Zéquinha, fino como um coral, estava sempre de ouvido á escuta quando alguém falava, para intervir com um dito, com uma observação erudita e mordaz.

Um dia, o pai do Zéquinha, para obsequiar o poeta Petrarcalino, resolveu oferecer-lhe um lauto banquete, para o qual seriam convidados todos os conhecimentos de certo tom. Na vespera, á noite, reuniu-se a familia em volta da mesa da casa de jantar para tratar da distribuição dos lugares. A certa altura, D. Marciana, esposa do dono da casa, interveio:

—E' claro que o Zéquinha não pode vir para a mesa. Era capaz de começar a dizer inconveniencias ao Petrarca.

—Sim, isso é verdade,—fez o pai—mas tambem é uma crueldade privar o pequeno do jantar num dia de rancho melhorado. Eu me entenderei com ele. Loe-lhe um lugar na mesa.

Dali a pouco, chamou o filho e disse-lhe:

—Amanhã vem cá jantar o sr. poeta Petrarcalino. Se o menino disser qualquer coisa a respeito da intelligencia dele, apanha uma taroia e fica oito dias sem doce.

—Oh! paisinho,—diz o petiz—eu não digo nada da intelligencia do sr. Petrarca, que o que eu quero é jantar amanhã e ter doce todos os dias.

No dia seguinte, jantar de gala.

O Petrarcalino, gordo como um presunto de Lamego, farteu-se de comer, falando dos sete seculos que Pelagio combateu nas Asturias o dum pequeno angulo recto de 45 graus.

A certa altura, o petiz já não podia mais. Os seus olhitos espertos focavam o Petrarcalino, que suava por todos os poros.

De repente, aproveitando uma pausa em que o Petrarcalino palitava o dente do sizo já muito avariado, disparou o Zéquinha:

—O' paisinho: para que é que me prohibiste de falar em coisas que não existem? Eu não comerei doce durante oito dias, mas eu já não acaba de jantar soçgado.



—Olha, Luciano, ali vai aquele espanta-passaros que no ano passado puzeste nas uvas.

**BRISTOL CLUB DANCING**  
O UNICO SEMPRE EM FESTA

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

O teatro do Gimnasio está sendo muito disputado. Pretendem-no duas companhias.

Não haverá uma terceira que as ponha de acôrdo?

■ ■ ■

NO Trindado prepara-se a representação da comedia *Abobora*, mentina...

Depois da *Toga Vermelha*, em caldo, é bom um prato de legumes. Pode ser que os espectadores fiquem mais satisfeitos...

■ ■ ■

**NASCIMENTO** Fernandes é um homem decidido. Ataca o *Ultimo Braco* com toda a energia.

Será uma preparação de forças para a *Aldeia dos Macacos*?

■ ■ ■

**HENRIQUE** Alves vai fazer o *Raffles*.

Garante-se que o publico não fica roubado com a representação...

■ ■ ■

O *Cosido á Portuguesa* agradou em cheio. Todos o comeram com gosto. Como é prato obrigatorio de todos os jantares, não é de admirar que se prolonge no cartaz.

A representação decorreu tão bem que a policia não ponde intervir com a eficiencia que se esperava...

## Lina Demoel e Almeida Cruz



O prato mais apetitoso do *Cosido á Portuguesa*

NO Variedades está um numero interessantissimo de variedades. Um homem que faz de mulher quando quere, com a respectiva ida e volta. Trata-se do conde de Blandier. Eis o que se chama uma capicwa moderna e sugestiva...

■ ■ ■

FOI entregue ao empresario José Climaco uma opereta popular intitulada *Touros de Morte*.

Quem será o matador?

■ ■ ■

O *Padio Cura* tem convertido muita gente. Digam lá que não ha bons prégadores!

■ ■ ■

**MARIA** Matos vai fazer a sua festa com o *Bom Successo*.

E' caso para um cronista mundano noticiar: «Mãe e filho encontram-se de saude».

Por nossa parte, temos a certeza que a famosa atriz dispensa os cuidados da parteira.

■ ■ ■

**CONSTA** que dois artistas muito conhecidos pensam no consorcio. Sem duvida que ainda é o melhor papel da vida—lôra do teatro. Esperamos que seja bem representado...

O Homem das 5 horas



Ele era um grande artista...



que via os seus quadros admirados por toda a gente...



Um dia resolveu casar-se...



... e pouco depois gosava as harmonias do lar.



... Até que um dia, vendo a mulher morta, deu um tiro na cabeça...



Chegado á porta do céu, S. Pedro dispunha-se a deixá-lo entrar, mas preveniu-o: «A sua mulher já cá está».

E o grande artista deitou a fugir para o inferno.



## Chão d'Urtigas

## Sátiras a ... varias

O' rainha das ribaltas,  
Bem cedo perdeste o trôno!  
As folhas que sobem altas  
Cáem tambem no Outono...

Tenho dó de ti agora,  
Que ninguem te vai na cola...  
Euferrujaram por fóra  
As tais cordas de viola!...

Que palidés emprevista!...  
Tu sofres muito... não mintas!...  
O patife do droguista  
Aumentou o preço ás tintas?!...

Os teus olhos de cubiça  
Já nem sabes tornar dóces!...  
Lembram sempre a luz mortíca  
Da lanterna dos alcouces!

Já nem te valom, vê tu,  
Mesmo de coisa nenhuma,  
Segredos de suma-a-uma!...  
Milagres do cautchouc,

## Rui d'Aço.



—Estará ele morto?  
—Qual morto? Este e aquele que  
se parece com Cristo. Vai de caixão  
á cova todos os anos, mas resuscita  
ao terceiro dia... depois do Carnaval.



Entre asilados:  
—Graças aos touros de morte, co-  
mi ontem um bife de traz da ore-  
lha.



—Vê lá se ainda não queres fazer  
seguro de vida...

## A CARTEIRA PERDIDA

## Na Abadia

Entre os muitos e variados fregueses, encontra-se um com um tipo respeitavel, barba branca, tipo correcto. Na mesa do lado, dois fregueses conversam alto.

O primeiro freguês: — Ora, ora, ora!... Já é pouca sorte!

O segundo freguês: — Sê te parece... Quinhentos mil réis! Já é qualquer coisa... E você tem a certeza de a ter perdido? Não lh'a teriam roubado? Tel-a-hia você deixado numa algibeira doutro fato?

O primeiro freguês: — Qual! Roubaram-m'a. Já estou farto de a procurar...

O segundo freguês: — E não tem uma ideia a' lo a perdeu?

O primeiro freguês: — Só se foi no electrico.

O sujeito respeitavel (metendo-se na conversa): — O senhor disse que perdeu uma coisa?

O primeiro freguês: — E' verdade. Perdi a minha carteira...

O sujeito respeitavel: — E que si-mais tinha ela?

O primeiro freguês: — Era de marroquim encarnado, tinha duas divisões, uns papeis sem importancia, bilhetes de visita com o meu nome...

O sujeito respeitavel: — E como se chama V. Ex.ª?

O primeiro freguês: — Antonio de Mendonça. E mais uma nota de quinhentos escudos.

O sujeito respeitavel: — Então não é a que eu achei...

O primeiro freguês (esperançado): O senhor achou uma carteira?

O sujeito respeitavel: — Achei. Achei mas é velha, tem uma cedula de meio tostão e uma cautela de ponho-res... Antes fosse assim, porque perder quinhentos mil réis não faz bom cabelo...

O primeiro freguês: — Nunca mais os vejo...

O sujeito respeitavel: — Não diga isso. Olhe que ainda ha muita gente honesta. Quem a achou pode muito bem vir a entregá-la porque tem o seu endereço.

O primeiro freguês: — Pois sim... mas tinha uma nota de quinhentos escudos. Ah! é que está o busillis.

O sujeito respeitavel: — Nesse caso,

porque não vai ao Governo Civil ou ás redacções dos jornais? Olhe que, de vez em quando, os honestos, que são muitos, depositam lá os objectos achados. Vá lá, vá lá, mas de preferencia ao Governo Civil.

O primeiro freguês: — Isso é que eu vou...

O sujeito respeitavel: — Mas vá hoje mesmo.

O primeiro freguês: — Hoje não, mas amanhã nco falta.

O sujeito respeitavel: — E não faça má ideia da probidade de muitos. A cada instante os jornais relatam actos de honestidade que se prendem com objectos achados. E' preciso ter mais confiança nos semelhantes...

(O primeiro freguês abana a cabeça, duvidoso).

O sujeito respeitavel (ao criado): — Guarde o trêco...

O criado (para os fregueses): — Parece ser um bom sujeito, este homem.

## No Governo Civil

O tal primeiro freguês (a um chefe de policia): — ... e eu vinha saber se por acaso tinham vindo entregar aqui...

O chefe: — Com que então, uma carteira de couro da Russia, vermelha, com uma divisão e uma nota de quinhentos escudos.

O tal primeiro freguês: — Isso mesmo.

O chefe: — Sim, senhor. Vieram-na entregar aqui e foi uma senhora...

O tal primeiro freguês (radiante): — Ah!!!

O chefe: — Mas, ontem, vieram-na a buscar.

O tal primeiro freguês: — Mas quem?

O chefe: — Um sujeito... Agora me lembro que deu todos os sinais dela, desde os cartões que tinham o seu nome, até á nota de quinhentos escudos e mais um passe para a Porcalhota.

O tal freguês: — E que sinais tinha esse senhor?

O chefe: — Era um sujeito respeitavel, barba branca, porte distinto...

O tal freguês: — Ah!!!...

José Barbosa.

## Resposta á letra



—A senhora roubou o relógio que depois foi empenhar.  
—Como isso é falso, se eu o tenho aqui!

HUMORISMO  
NO  
ESTRANGEIRO

Aquela não é uma amazona... é o Amazonas.



—Se agora me dissessem que tu me atraíavas, deitava-te ao rio, Lili.

—Que ideia, meu amor. Por estes sitios não apparece ninguem conhecido.



—O Equador? Outro palão de mau gosto. Tenho estado á espreita com os meus cinco sentidos e não vi nem linha, nem nada.



—Com que vontade eu faria ali uma paragem... zinha!

## OS GRANDES FILMES

# Um passeio a Sevilha

## O "PATO,"

O drama que vou contar ao leitor podia ser filmado em diversos episódios, porque na realidade isto foi uma grande fita. Em entretcho, é superior á peça de Lennormand. Está escreveu *O Homem e os seus Fantasmas* e eu vou descrever um drama que se poderia intitular *Os Fantasmas a perseguirem um Homem*.

O João Pato, estando um dia muito aborrecido ao ventre de sua respeitável mãe, resolveu vêr a luz do dia... e nasceu de noite em Alentejo. Não gostando do leite materno, exigiu leite de vaca ou de burra cinzenta e que tivesse dado á luz um burrinho cõr do mesmo quando foge. Parece que o leite de vaca influíu bastante no seu caracter, pois que ha meses meteu-se-lhe na cabeça dedicar-se ao negocio de criação e comercio de gado, em especial as vacas.

Percorreu a provincia em viagem de estudo, examinou herdades, provou o pasto das mesmas e acabou por alugar um metro e dois centímetros e meio de terreno para—dizia—mandar construir um estábulo.

Adquiriu, numa terra selvagem dos arredores, uma vaca a prestações e que não prestava para nada; até lhe mandou tirar uma radiografia, com receio de que ela tivesse bacilos de Kopl. Afinal, a vaca não tinha vestígios de coque, mas sim de carvão de Sbro. Satisfeito com isto e enquanto aguardava a construção do estábulo, mandou fazer uma capoeira no quintal da sua residencia e lá meteu a pobre vaca, que maldisse a sua triste sorte e a medreza do seu proprietario.

O Pato decorou todos os livros respeitantes á criação e comercio de gados e, para demonstrar que percebia da poda, resolveu ir sempre ao talho e olhar a carne para consumo do seu lar. Escusado será dizer que muitas vezes levou boi por vaca sem notar o engano.

Para o desenvolvimento do seu negocio, o Pato possuía uma enorme força de vendas. Tinha a grandissima falta de dinheiro que ha muitos annos nos persegue. Isto fê-lo emagrecer tanto que os directores do escritorio onde está empregado lhe concederam uma licença de três meses, que usou para ir á provincia. Aqui, em completo familiaridade com os campones, patos, bois, vacas, borregos, carneiros, galos e outros animais, a sua mania pelo negocio augmentou. Travando relações com as vacas e perguntando-lhes que produção annual de leite, quasi que desmaiou de espanto. Viu-se leiteiro e por consequencia com o grande leiteira para o negocio, que escreveu a varios subscritores capitalistas desta desacreditada praça, propondo-lhes o comercio de leite e falando-lhes de lucros tão fabulosos que até fazem doer a vista. Os ingratos rejeitaram. Voltou a Lisboa já restabelecido com os arca do campo e o cheiro do feno e, como não tinha capital disponível para o seu sonhado comercio, resolveu meter-se noutro negocio que ingenuamente julgou mais lucrativo e menos dispendioso o casamento!

O casamento, porém, não moderou

os seus impetos comerciais e, como não podia vender capiló aos bochechos nem explorar as minas do assucar, resolveu vender tacões de borracha para agarrar os riscos de lapis. O comercio dos tacões rondou-lhe meia duzia de moedas de cupro-nickel, que ele empregou na aquisição do pasto para alimentação da sua vaca leiteira que, coitadinha, estava quasi a morrer como o Lord Mayor de Cork. O dinheiro foi um ar que lhe deu, pelo que ele afirmou que as moedas não eram de cupro-nickel, mas sim de cupro-ar. A incurável mania do negocio juntou-se a de conhecer terra estrangeira. Sabendo isto, um grupo de malévolos colegas, depois duma conspiração, convidaram-no, nas vesperas da Semana Santa, para um passeio a Sevilha. O Pato regeitou, alegando que não possuía dinheiro para mandar cantar um cégo e muito menos para se meter em cavalarias altas. Um dos tais amigos... do diabo propôs-lhe, porém, um empenho, que ele liquidaria em prestações mensais de... cinco escudos!!

O entusiasmo por tal altruismo fê-lo delirar.

A partida meteu-se para esse mesmo dia e o pobre Pato, semi-louco, do olhar esgazeadado e queimando de febre, sem desconfiar que ali andava grossa partida, foi a casa envergar o melhor fado, comprou um colarinho a fiado, arranjou as malas e, para que a mulher não soubesse que ele ia para a parodia, teve o arrojo (de que mais tarde se devia arrepender) de lhe dizer que ia em serviço do escritorio, conhecida fabrica de sabão e velas.

A esposa entusiasmou-se com a honra concedida ao marido e—segundo ele proprio confessou—presenteou-o com uma nota de cinco escudos para que com tal quantia o Pato pudesse divertir-se e ainda trazer recordações para toda a familia!!

Depois de muitos abraços da esposa e votos de boa viagem, o Pato foi despedir-se da sogra, tias, primas, irmãos e cunhados, procurou um parente no *Club das Bolas*, conhecido carvoeiro de que o mesmo é socio efectivo, e voltou ao escritorio, a fazer horas para a partida, que afinal não passava de uma grande partida. Telefonou aos amigos de Lisboa e expediu telegramas a outros que vivem em diversas localidades onde o comboio passava. O seu entusiasmo era tão formidável que foi repreendido pelo chefe quando, num barulho ensurdecedor, tocava o *Gallito* nos tampos da secretária, uma das quais ficou com os ditos dentro. Recebeu pedidos de encomendas, em especial coleções de postais illustrados e castanholas. O seu colega Blanco mudou de nacionalidade e de cõr, pois viu-se negro e grego porque o Pato o obrigou a descrever as belezas de Sevilha. Inebrou, como a rã da fábula, quando lhe disseram que viria nos jornaes a noticia da sua partida e chegou a pedir para lhe publicarem o retrato nos periodicos, assim como recomendou se comprassem 200 exemplares para á volta distribuir pelos seus conhecimentos.

Ás cinco e quarenta, os amigos que tinham arranjado aquela fita, como pretexto para um jantar no Barreiro,

levaram-no para o vapor, dizendo-lhe que de lá seguiriam para Vila Real e depois para Espanha. A despedida foi emocionante. Todos os colegas prestaram-lhe uma homenagem que deixou a perder de vista a feita no Brasil nos nossos aviadores. Durante a travessia, o Pato escreveu um postal para a esposa, dizendo-lhe, como é usual nestas circunstancias, que seguia bem e que cumprimentava toda a familia. Chegadas ao Barreiro, foram jantar a um restaurante, onde serviram uma esplendida sopa de feijão encarnado com caroços de azeitonas. O Pato apenas falava da viagem á linda cidade de Espanha. *Touradas, cabarets, mulheres, etc.*, a tudo se referiu. Cantou regularmente, comeu bem e bebeu melhor. No meio da refeição, um dos amigos, apontando para o mercado do Barreiro, disse: *«Olha a Praça de Touros de Sevilha!»* Ele riu sem perceber nada e os outros fizeram o mesmo porque tinham percebido o alcance da frase.

A certa altura, o vinho começou a produzir os seus efeitos na endiabrada assistencia e o infeliz passou a ser *cabeça de turco* daquela sociedade. As piadas choviam e as gargalhadas augmentavam.

Num dado momento, o Pato, indignado, ameaçou ir-se embora porque, disse, sentir-se-hia vexado levar para Espanha aqueles companheiros *sem linha*.

Estando a partir um vapor para Lisboa, resolveram embarcar e, quando o Pato soubo finalmente a que ponto chegara a sua ingenuidade, foi acometido duma síncope e levado em braços para o barco.

Delirou. Chamou pela vaca, trauteou uma canção espanhola, julgou estar beijando uma Consuelo de trazer por casa e gritou bastantes vezes: *«Mata-lo! Mata-lo!»* E' claro que os amigos *mataram* logo que ele se julgava na Praça do Tourco.

Os passageiros olhavam espantados para aquele grupo e muito em especial para o infeliz Pato, a quem consideravam como doido varrido. Com a brisa do mar, o delirio desapareceu. Passado algum tempo, conseguiu encontrar os sentidos que tinha perdido. Chorou e maldisse os colegas, assim como o seu azar, pois não sabia como adoçar, perante a esposa e numerosa familia, o rebuçado do *fiasco* da viagem.

Transportado em automovel e desditoso Pato, no chegar á porta da sua residencia, despediu colérico os amigos, lamentou tê-los convidado a assistirem ao seu casamento e respectivo *copo d'agua* e solenemente jurou não mais lhes falar.

O que lhe succedeu em casa nunca ninguém soube. O que é facto é que no dia seguinte, entre as gargalhadas dos colegas, appareceu no escritorio com o rosto *todo* ligado, ignorando-se se aquela caracterização era consequencia de alguma tarefa ou um pretexto para que o não vissem cõrar. Se assim foi, tal disfarce não conseguiu porém evitar esta frase, saída da boca dos colegas: *Caru... como um Pato!*

Reix.

## S. PEDRO, VELHO GAITEIRO



— Oh! meu anjinho! faz-me as malas que eu já estou farto de ser porteiro no ceu. Vou lá abaixo vêr se topo um poeta que me abarque...



O que se diz e o que se não deve dizer

## MURRO CONTRA MURRO — UMA MULHER POR UM CAVALO

Gene Tunney, o actual campeão do mundo de *box*, está seriamente ameaçado. Jack Dempsey, o homem que ele derubou, arrancando-lhe o título, está fazendo todos os possíveis para o obrigar a passar uns maus quartos de hora.

Dempsey vai jogar em eliminatoria contra Sharkey e o vencedor encontrará-se-ha com Tunney para o título mundial.

Tirante os milhões que o negócio deixa, como consolação das achatadelas de nariz, hemos de concordar que não é officio muito agradável ser campeão — e especialmente ser campeão de *box*.

Os que abraçam a carreira dos desportos sabem por experiencia propria que custa a ganhar a ser o melhor homem da sua categoria. Não falamos já das severas exigencias do treino. Mas a verdade é que, uma vez o campeão içado ao pedestal, vê-se obrigado a fazer sentinela vigilante á roda do título, donde os seus rivais pretendem apê-lo.

Chega mesmo a ser menos valioso para o atleta conseguir a victoria do que conservá-la muito tempo. E' uma primazia que se apoia na força. E' a femera como a propria força.

Sem nunca ter dado sócos num *punching* é facil conceber o tormento que se apodera dum campeão de *box* quando envia para o país dos sonhos, com um delicado *uppercut*, o seu adversario. Embora o culto excessivo do musculo lhe tenha deixado pouca imaginação, deve imediatamente pensar que um dia virá em que se ha de encontrar de rapo para o ar, com os braços em cruz, por effeito dum *uppercut* tão delicado como o que acaba de aplicar ao contendor.

Sob este ponto de vista, as galinhas são mais felizes. Não sabem que ainda hão de ser comidas; enquanto que o campeão sabe, *por definição*, que fatalmente, um dia, deixará de o ser.

A força dum campeão reside na fraqueza dos outros. Infelizmente, porém, para ele, anda sempre com receio de encontrar alguém que lhe possa dar agua pela barba. E o pior é que, na historia dos desportos, todos os campeões tem tido sempre o seu *chefe*.

E' uma regra de *sport* muito dura a que diz que, sem deshonra e sem ariscar-se a perder automaticamente a corôa, nenhum campeão pode fugir a um desafio que lhe lancem. Tem que provar constantemente a sua realza a sóco. E é só a lo que as realzas que só tem esta *ultima ratio* não são duradouras.

O sabio, o poeta e a cantora tem o direito de se retirar da scena do mundo em que obtiveram exitos. As suas descobertas, o seu genio, a recordação da sua voz, bastam para lhes

garantir a gloria depois do desaparecimento. Pelo menos só se lhes recordam os triunfos que lhes apagam os erros do declinio ou as ultimas *fifas*.

Os proprios toureiros, depois da fortuna feita, tem o direito de cortar a *coleta* e de se retirarem, para gozarem da prosperidade entre a consideração publica. Nenhum touro, *Palha Blanco* ou *Miura*, que lhes lancasse um repto para um novo encontro na arena, conseguiria deshonrá-los se se recusassem a retomar o estoque.

O campeão de *box* não conhece estas felicidades. Se abandona o *ring*, accusam-no de ter medo.

E a não desertar, lançando a esponja de uma vez para sempre, só lhe resta uma solução:—levantar a luva que lhe lancem.

Continuando a bater-se, além dos dentes que isso lhe custa, põe sempre em jogo o seu título e ha de acabar por ser batido. Por isso, no momento de entrar no *ring*, a unica saudação que pode dirigir á deusa dos combates é a dos gladiadores ro-

manos—o que vai morrer te sauda!

So não morrer dessa vez—morrerá duma outra...

\* \* \*

Afinal, veio a demonstrar-se que o celebre tcheco Spacek, que annunciou em Paris ter batido o *record* da travessia da Mancha a nado, nunca saiu do Calais.

De investigação em investigação, veio a apurar-se que o homem que se julgava com direito a receber o succulento premio de 115 contos esteve dois dias em Calais, passeando e... embebedando-se conscientemente...

A imprensa francesa, que lançou no mundo aquelo sepantoso *canard*, ficou atordoadá.

E na Tchecoslovaquia ainda não conseguiram digerir as manifestações de entusiasmo, as iluminações, as bandeiras e os ramos de flôres encomendados.

Spacek, se não conseguiu bater o *record* da Mancha—bateu, por muito, o *record* da piada...

\* \* \*

Dialogo conjugal:

O marido e a mulher acabam de almoçar e cada um deles folheia as paginas dum jornal. Bruscoamente, a esposa levanta a cabeça e diz:

—«Vem aqui a historia dum homem que, na Arabia, trocou a mulher por um cavallo. Nunca tu serias capaz de me trocar por um cavallo, não é verdade, querido?»

—«Claro que sim! Em todo o caso será bom que me não venham tentar com um automovel *grand-sport* de corrida...!»

**Rebola-A-Bola.**



Os policiaes sinaleiros pelo S. Pedro



—Oh mamã: porque será que os portugueses vencem sempre em equitação?

—Porque fôram sempre bons calções...



—Imagina que estás num comboio com todos os lugares ocupados. De repente entra o teu coronel. O que é que tu fazias?

—Ai o que eu me havia de rir, meu tenente...



— O que era o senhor lá na terra?  
 — Saiba V. Ex.ª que era "papo sêco,"  
 — Então tem entrada...

## INFANCIAS CELEBRES



Em pequenino já a ama  
 lhe surpreendia muitas  
 vezes a veia poética... nos  
 cueiros.

Aos 12 anos, Fuê lá,  
 lá com as musas, passava a  
 limpo (com vassoura) as  
 inspiradas produções

Aos 25 arrancava  
 da lira estrofes tão  
 deliciosas como os  
 presuntos de  
 Lamego.

Presentemente "abarca" com  
 toda a proficiência as funções  
 de voto.

F. Valença